BERLIM

RETORNO A BAUHAUS

EM PLENO TIERGARTEN, ESTE APARTAMENTO EM PRÉDIO CRIADO POR WALTER GROPIUS NOS ANOS 1950 É UMA ODE À FUNÇÃO E À SIMPLICIDADE. EXEMPLO DE UMA CAPITAL ALEMÃ QUE SE RECONSTRUÍA, O ESPAÇO, HOJE REDECORADO, TEM NAS MÚLTIPLAS CORES SEU SÍMBOLO DE LIBERDADE

FOTOS HELENIO BARBETTA

O colorido living, com sofá da Neue Wiener Werkstätte, luminária de piso de BasberOsgerby e armário suspenso de porcelana, assinado pelo arquiteto Gisbert Pöppler, é integrado ao jantar, que tem mesa Saarinen; o piso de linóleo vermelho cobre todo o apartamento

Se não fosse pela influência da atriz alemã Marlene Dietrich, esta icônica morada em Berlim talvez jamais existisse. Hoje, é uma obra de design em um dos melhores locais da cidade. Grandes nomes foram envolvidos na criação deste apartamento de um dormitório do escritor e produtor cinematográfico Peter Schlesselmann, no Tiergarten, o parque mais famoso de Berlim. Walter Gropius, o "avô" da escola Bauhaus, é quem projetou o edifício. Cinco anos atrás, Gisbert Pöppler, jovem arquiteto dos mais talentosos da Alemanha, deu a este espaço nova configuração.

Por mais de uma década, após a Segunda Guerra Mundial, Berlim manteve-se em ruínas. Na ocasião, foi vislumbrado um plano ambicioso: reconstruir em estilo *über* moderno o que havia sido o grande bairro de Hansaviertel, onde morou Rosa Luxemburgo, a lutadora pela liberdade do comunismo. Mais do que isso, mostrar os resultados na feira Interbau de 1957. Cerca de 50 arquitetos renomados, Gropius e Le Corbusier entre eles, concordaram em trabalhar no Hansaviertel. O único problema era o dinheiro. Então, uma centelha brilhante no Senado berlinense sugeriu que se desse um telefonema à mais famosa filha da cidade. Marlene, embora exilada há muito tempo nos Estados Unidos, jamais havia perdido seu amor por Berlim e, entusiasmada, concordou em ajudar. Em dois dias, ela havia conseguido uma quantia de sete dígitos junto a seus admiradores em Wall Street. O projeto conseguiu o que faltava para seguir em frente.

Originalmente, os apartamentos eram de propriedade do Estado e estavam alugados por preços baixos a famílias jovens. Mas, quando Schlesselmann comprou o dele, em 2006, já estavam quase que exclusivamente ocupados por seus proprietários. Assim que teve o contrato de compra nas mãos, ele ligou para Pöppler, arquiteto que tem uma ótima reputação por projetar espaços modernos e luxuosos usando cores vivas. Embora não pudesse alterar o exterior do edifício, teve total liberdade para fazer o que quisesse no interior, uma série de cômodos com pé-direito baixo e diversas janelas. "Peter me deu carta branca", diz Pöppler. "Quando começamos a trabalhar, ele não apareceu uma única vez para ver o que estávamos fazendo. Normalmente, os clientes querem visitar a obra todos os dias, mas ele me deixou fazer o que eu queria. Foi muito divertido."

EM DOIS DIAS, MARLENE DIETRICH
OBTEVE VERBA PARA ERGUER O EDIFÍCIO

Finas folhas de porcelana formam o pendente Blossom, desenhado pelo neozelandês Jeremy Cole; mobiliário vintage compõe o estar

O amarelo, que também aparece em outros ambientes, não rouba a cena do vermelho na cozinha, que, com a reforma, foi integrada à área social

A biblioteca tem verde nas paredes, azul no teto e móveis transparentes. Na pág. ao lado, no quarto, o azul tinge as paredes, numa brincadeira com o amarelo, que repete os tons do prédio Pierre Vago, situado em frente a este

Schlesselmann já havia concordado com os planos ousados de Pöppler, que incluiam pintar os aposentos principais com cores estridentes: uma cozinha vermelha, um estúdio verde e um dormitório nos tons turquesa e amarelo, ecoando as cores do edifício Pierre Vago, bem em frente. O piso é coberto por linóleo vermelho-sangue.

Pöppler estava determinado a não fazer um pastiche do estilo dos anos 1950 e 1960. "Não queríamos apenas encher o apartamento com móveis de Arne Jacobsen", conta o arquiteto. Ele não se sentiu intimidado com a ideia de improvisar, resgatando um original de Gropius? "Nem um pouco. Na verdade, é um edifício muito comum. E deveria ser assim", completa. Os arquitetos de Hansaviertel, em particular Gropius, acreditavam que a função é mais importante do que a forma e receberam orçamentos tão limitados que qualquer coisa sofisticada estava fora de questão.

A única mudança estrutural no apartamento foi demolir uma parede interna que abriu a cozinha para a sala de estar, a fim de permitir a entrada de mais luz. Pöppler descreve o projeto como "uma obra feita com um orçamento absolutamente baixo". Não se incluem, nesse custo, o valor de alguns móveis sofisticados.

No living, há um sofá púrpura decadente da Neue Wiener Werkstätte, firma austríaca de design. Uma luminária de piso, em azul, é da dupla de designers do Reino Unido Edward Barber e Jay Osgerby. A mesa de jantar é de Eero Saarinen – acima dela, pende uma impactante luminária Blossom, de porcelana, do designer Jeremy Cole, da Nova Zelândia. A peça tem folhas tão delicadas de porcelana que Schlesselmann ficou temeroso de quebrá-la. "Nunca mais vou me mudar de casa com isso outra vez", revela o morador. O próprio Pöppler criou o armário alto de porcelana, na sala de estar.

No entanto, o que realmente faz com que o apartamento seja incomum, além de sua herança, é a própria localização. Berlim não é uma cidade abençoada com diversos espaços verdes. Assim, viver em seu maior parque é realmente um privilégio. A morada certamente agradaria a Marlene Dietrich. ●

Construído nos anos 1950, o prédio de Walter Gropius é parte de uma iniciativa que recriou, no pós-guerra, o bairro Hansaviertel, em Berlim. Na pág. ao lado, o escritor e produtor cinematográfico Peter em seu estúdio

Tradução: Susie Fercik Staudt